

Editorial

Tiago Santos

Vital! Assim podemos definir o assunto da Regeneração; o entendimento correto daquilo que as Escrituras ensinam acerca do novo nascimento é vital.

O novo nascimento é um milagre. É a ação bendita do Espírito Santo que produz vida onde imperava a morte e a condenação. É a causa que gera a mudança de natureza; a disposição para deixar tudo, negar a si mesmo, tomar a cruz – instrumento de morte – e seguir após o Senhor Jesus Cristo. É o que possibilitou o apóstolo bradar que o mundo para ele estava crucificado e ele para o mundo. Só o novo nascimento pode abrir os ouvidos para que ouçamos a Palavra de Deus e a recebamos; só a mente regenerada pode atinar para o ensino que para este mundo é loucura. A salvação é a principal das bênçãos. É o que nos concede acesso ao Pai, por meio de Cristo

Jesus, sem que sejamos consumidos e a nossa existência contada entre os transgressores. O novo nascimento amplia os horizontes; dá sentido à vida – conforma-a à imagem de Cristo; torna-a proveitosa para a causa do reino e sua perda na verdade é ganho, pois ascende-nos à presença gloriosa d’Aquele que é a suma de todas as coisas e o fim maior de nossa existência. A igreja de Cristo só pode ser constituída daqueles que experimentaram a bênção da nova criação; é a militância dos servos que exalam o perfume do Salvador, que batalham num mundo cruel contra as hostes de um inimigo feroz e irado, porém derrotado. O novo nascimento, dádiva do Pai, em Cristo, outorgada e confirmada pelo Espírito, dá-nos a vitória final sobre a morte. Podemos fazer coro com o poeta Henry Law, e dizer, acerca da salvação, que esta é:

“...a obra para a qual Jesus nasceu em Belém, viveu na terra, morreu no Calvário, desceu ao túmulo, quebrou os grilhões da morte, subiu aos céus e está assentado à mão direita de Deus. Para isso, ele palmilhou o profundo vale da vergonha e da dor. Para isso, bebeu o cálice mais amargo da ira e do tormento. Para isso, lutou contra todo o poder das trevas. Para isso, reina e intercede nas alturas.

É a obra para a qual o Espírito Santo busca a terra e bate à porta do coração do pecador. Por esse motivo, Ele assalta a fortaleza do amor próprio, revela os perigos do pecado e combate a ignorância das desculpas vãs. Por esse motivo, Ele luta até que caiam as armas da rebelião, e a alma contrita fuja para a cruz, abraça Jesus e se abrigue no seguro refúgio de suas feridas. Ó minha alma! Certifica-te de que estás salva.

Diante da verdade gloriosa acerca da salvação que regenera a alma corrupta e dá vida ao que estava morto em delitos e pecados, sentimos-nos compelidos a trazer à luz esse tema tão importante, sobretudo em razão de nossos tempos, em que temos visto que o mero assentimento intelectual de certas verdades sobre o evangelho já tem sido reputado como suficiente para que alguém seja considerado nascido de novo, sem que as seríssimas implicações deste fato sejam levadas em conta. Em que o afã de engrossar as fileiras

de membros da igreja e lotar as casas de adoração permitem concessões litúrgicas que não encontram guarida nas Escrituras; em que os métodos mercantilistas e técnicas avançadas de *marketing* têm ditado as regras da propagação do evangelho e a psicologia que afaga os egos, com mensagens de auto-ajuda e que fogem da simplicidade do evangelho tem ocupado muitos púlpitos enquanto que mensagens que falam da morte vicária de Cristo, convicção de pecados, arrependimento e santidade têm se tornado antipáticas, antiquadas e antiproducentes. Portanto, nunca será demais enfatizar um assunto tão vital como o é o assunto da regeneração, suas evidências, seus frutos; e cuja falta de entendimento pode gerar efeitos tão destrutivos.

Por essa razão, a Editora Fiel entendeu ser oportuno preparar uma edição especial de sua revista, que dedica todo seu espaço para tratar desse tema, o “novo nascimento”.

Selecionamos artigos de diversos autores, servos do Senhor no passado, cujas vidas e escritos dão testemunho de sua fidelidade a Deus e às Escrituras. Homens que, à semelhança de Abel, mesmo depois de mortos ainda falam, e faremos bem se atentarmos ao que esses servos do Senhor têm a nos ensinar.

Que Deus abençoe sua leitura,

*São José dos Campos,
Maio de 2008.*

A Definição do Novo Nascimento

William Plumer (1802–1880)

Do começo ao fim, a salvação é inteiramente pela graça. Paulo disse: “Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros. Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador” (Tt 3.3-6). Esta passagem deixa claro que, pela graça e mediação de nosso Senhor Jesus Cristo, o Espírito Santo é enviado para regenerar nossa natureza e realizar em nós o novo nascimento. O *perdão* salva um pecador da maldição da Lei e do

lago de fogo; a *aceitação* por meio de Cristo lhe concede a entrada no céu; mas na *regeneração* o domínio do pecado começa a ser destruído, e a alma passa a ser ajustada para o uso do Senhor.

O novo nascimento é um grande mistério, mas as Escrituras se referem a ele com persistência. “O lavar regenerador” é tão necessário quanto o lavar do sangue de Cristo. “O lavar renovador do Espírito Santo” é tão essencial quanto a “justificação que dá vida”. No espaço de quatro versículos, nosso Senhor declara três vezes a importância do novo nascimento para que alguém seja salvo. Escute o que Ele diz: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus... Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer

de novo” (Jo 3.3, 5, 7). O campo de pouso¹ deve ser arado, pois, do contrário, a boa semente não é arraigada em nosso coração. A oliveira brava deve ser enxertada na boa oliveira ou permanece sem valor. Toda a Escritura ensina essa doutrina. Cristo não via como surpreendente o fato de que um vil pecador tinha de passar por uma grande mudança espiritual, antes de tornar-se idôneo para servir a Deus.

Talvez não exista um erro mais absurdo do que o ensino de que o batismo com água é a regeneração sobre a qual Jesus Cristo e seus apóstolos insistiam. Quando os homens confundem “o lavar regenerador” com o lavar por meio da água, estão plenamente prontos a seguir (e, de fato, já estão seguindo) os passos daqueles que confundiram a “circuncisão... que é somente na carne” com a circuncisão que é “do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus” (Rm 2.29). Por semelhante modo, talvez não exista um erro mais prejudicial do que este. É monstruoso que

tal erro e loucura sejam ensinados em países onde a Palavra de Deus é tão conhecida.

Alguns acrescentam ao batismo uma mudança exterior e insistem que isso deve ser admitido como suficiente. Supondo que isto fosse o que Cristo e seus apóstolos queriam dizer, seria impossível defendê-los da acusação de usar linguagem muito enigmática para comunicar uma idéia tão simples. Entretanto, tal crença nunca foi acolhida por aqueles que têm um respeito apropriado pela Palavra de Deus. Portanto, este assunto não exigirá mais atenção neste momento.

Teólogos sensatos têm concordado notavelmente em nos dizer o que é a regeneração. O Dr. Witherspoon disse: “O novo nascimento envolve uma mudança total; alcança a pessoa por inteiro, não alguma particularidade, mas toda a pessoa, sem exceção”. Ele mostra de forma detalhada que o novo nascimento não é parcial, externo, imperfeito, e sim total, interno, essencial, completo e sobrenatural.

Charnock disse: “A regeneração

"Eu não sou o que devo ser. Ah! quão imperfeito sou! Não sou o que desejo ser. Abomino o que é mau e anelo apegar-me ao que é bom. Não sou o que espero ser. Logo me despirei da mortalidade e, com ela, de todo pecado e imperfeição. Embora não seja o que devo ser, o que desejo ser e o que espero ser, ainda posso dizer, em verdade, que não sou o que fui outrora, escravo do pecado e de Satanás; posso, sinceramente, unir-me ao apóstolo e reconhecer: 'Pela graça de Deus, sou o que sou'".

é uma mudança imensa e poderosa realizada na alma pela obra eficaz do Espírito Santo, na qual um princípio vital, um novo comportamento, a Lei de Deus e uma natureza divina são colocados e formados no coração, capacitando a pessoa a agir com santidade, de um modo que agrada a Deus, e fazendo-a crescer nisto para a glória eterna”.

O Dr. Thomas Scott cita, e aprova, outra definição, mas não revela o nome do autor. Ele disse: “A regeneração pode ser definida como uma mudança realizada pelo poder do Espírito Santo no entendimento, na vontade e nas afeições de um pecador, o que consiste no início de um novo tipo de vida e dá outra direção à sua opinião, aos seus desejos, às suas buscas e à sua conduta”.

Embora esta mudança seja chamada por vários nomes, a doutrina bíblica referente a ela é uniforme. Às vezes, é chamada de santa vocação, criação, nova criação, transportar, circuncisão do coração, ressurreição. Entretanto, seja qual for o nome, o verdadeiro sentido é comunicado em toda a Escritura, em termos muito solenes e como um rico fruto da graça de Deus. Assim diz Paulo: “Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim...” (Gl 1.15-16). Mais uma vez: “[Deus] que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2 Tm 1.9). E Pedro diz: “O Deus de toda a graça,

que em Cristo vos chamou à sua eterna glória” (1 Pe 5.10).

As igrejas mais puras jamais duvidaram da necessidade desta mudança. Elas também concordam quanto à natureza de tal mudança. A Assembléia de Westminster² ensina que Deus “se agrada em chamar [os eleitos], de um modo eficaz, no tempo que Ele estabeleceu, por meio de sua Palavra e Espírito, do estado de pecado e morte, no qual, por natureza, encontram-se, para a graça e salvação por intermédio de Jesus Cristo. Deus faz isso iluminando a mente deles, de forma espiritual e salvífica, para que entendam as coisas de Deus; tirando deles seu coração de pedra e dando-lhes um coração de carne; renovando-lhes a vontade; induzindo-os, por seu imenso poder, àquilo que é bom e levando-os com eficácia a Jesus Cristo. Mesmo quando se chegam a Cristo o mais livremente possível, ainda estão recebendo, pela graça de Deus, esta disposição”.³

A Segunda Confissão Helvética⁴ diz: “Na regeneração, o entendimento é iluminado pelo Espírito Santo, para que possa compreender os mistérios e a vontade de Deus. E a vontade em si mesma não somente é mudada pelo Espírito, mas também é dotada de habilidades, de modo que, por iniciativa própria, possa querer e fazer o bem”.⁵ E cita como prova Romanos 8.4; Jeremias 31.33; Ezequiel 36.27; João 8.36; Filipenses 1.6, 29; 2.13.

O Sínodo de Dort⁶ diz: “Esta graça regeneradora de Deus não age nos homens como se eles fossem seres inanimados; não anula a

vontade nem as características da vontade deles; e não a constrange com violência, mas vivifica espiritualmente, cura, corrige e, com poder, embora gentilmente, submete-a; a fim de que, onde a rebeldia da carne e a obstinação antes dominavam sem controle, agora comece a reinar uma obediência disposta e sincera ao Espírito. Esta mudança constitui o resgate e a liberdade verdadeira e espiritual de nossa vontade...”⁷

A verdade é que, se ignoramos a regeneração, a única esperança de um pecador ser novamente santo ou feliz acaba para sempre. A Igreja da Irlanda⁸ defende que “todos os eleitos de Deus são, em seu tempo, inse-

paravelmente unidos a Cristo, pela influência vital e eficaz do Espírito Santo, procedente dEle, como cabeça, para cada membro verdadeiro de seu corpo espiritual. Assim, tendo sido feito um com Cristo, os eleitos são verdadeiramente regenerados e transformados em co-participantes dEle, bem como de todos os seus benefícios”.⁹ De fato, nada aflige mais uma pessoa que considera, de forma correta, o estado de perdição em que se encontra do que ver destruída ou seriamente abalada a esperança que brota da doutrina da regeneração... Cada homem que já teve seus olhos abertos para contemplar sua própria miséria e vileza concordará com a declaração de Usher: “Não é uma pequena transformação

que salva o homem, não, nem toda a moralidade do mundo, nem todas as graças comuns do espírito de Deus, nem a mudança externa da vida; tudo isso não é suficiente, a menos que sejamos vivificados e que uma nova vida seja produzida em nós”.

Em sua idade avançada, quando não enxergava mais o suficiente para ler, John Newton ouviu alguém repetir o seguinte texto: “Pela graça de Deus, sou o que sou” (1 Co 15.10). Ele permaneceu calado por alguns

instantes e, como se falasse consigo mesmo, disse: “Eu não sou o que devo ser. Ah! quão imperfeito sou! Não sou o que desejo ser. Abomino o que é mau e anelo apegar-me ao

que é bom. Não sou o que espero ser. Logo me despirei da mortalidade e, com ela, de todo pecado e imperfeição. Embora não seja o que devo ser, o que desejo ser e o que espero ser, ainda posso dizer, em verdade, que não sou o que fui outrora, escravo do pecado e de Satanás; posso, sinceramente, unir-me ao apóstolo e reconhecer: ‘Pela graça de Deus, sou o que sou’”.

Nosso segundo nascimento nos leva a um estado de graça. É uma das misericórdias mais ricas da aliança de Deus. Quando uma pessoa nasce de novo, acontece um ataque fatal ao reino de Satanás no coração, pois “o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3.6). *Esta é uma obra de poder espantoso! O*

— ■ —
*A verdade é que, se
 ignoramos a regeneração,
 a única esperança de um
 pecador ser novamente
 santo ou feliz acaba para
 sempre.*
 — ■ —

Sínodo de Dort teve um bom motivo para ensinar que “Deus, ao regenerar um homem, usa uma força absoluta por meio da qual Ele é capaz de, poderosa e infalivelmente, submeter e redirecionar a vontade do homem para a fé e a conversão”.¹⁰ Paulo usou todas as palavras fortes que ele conhecia para nos ensinar que somos renovados por poder, por uma força surpreendente. Ele orou para que os crentes de Éfeso soubessem “qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos” (Ef 1.19-20). Não conhecemos poder maior do que a força que realizou a ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Também o mesmo poder converte a alma... O Dr. Nevins diz: “Alguns pensam e descrevem a salvação de uma alma como algo fácil — a ação de subjugar a vontade — a mudança de um coração. Fácil? É a maior obra de Deus... Deus, ao salvar uma alma, empregou uma força maior do que a necessária para criar muitos mundos”. Em seu livro *Views in Theology*, o Dr. Beecher admite: “O poder de Deus na regeneração está entre as maiores demonstrações de sua onipotência na história do universo. Quando a formosa criação surgiu da mão de Deus, em frescor de beleza, as estrelas matutinas cantaram juntas, e todos os filhos de Deus gritaram de alegria. Entretanto, canções mais encantadoras celebrarão e brados mais sonoros se farão ouvir na consumação da redenção pelo poder do Espírito de Deus...”

William S. Plumer (1802–1880). Ministro americano da Igreja Presbiteriana, autor de *Vital Godliness*, *The Law of God* e muitos outros livros. Nasceu em Greensburg (Pensilvânia).

Notas:

1. Campo de pousio – a terra deixada sem cultivo e sem plantação durante a época de plantio para que se torne mais fértil; não-cultivada.
2. A Assembléia de Westminster de 1643 (ou, tradicionalmente, a Assembléia dos Teólogos de Westminster) – uma assembléia de 121 teólogos designados pelo Longo Parlamento “Puritano” com a finalidade de elaborar propostas para a reforma da igreja da Inglaterra. A Assembléia produziu a Confissão de Fé de Westminster, o Catecismo Maior e o Breve, o Diretório do Culto Público e a Forma de Governo Eclesiástico.
3. Confissão de Fé de Westminster, 10.1.
4. Segunda Confissão Helvética – uma confissão da reforma suíça, escrita por Henrique Bullinger (1504–1575).
5. Segunda Confissão Helvética, 9.6.
6. O Sínodo de Dort ou Dordt – um conselho convocado para regular a séria controvérsia nas igrejas holandesas iniciadas pela ascensão do *arminianismo*. Os arminianos eram seguidores de Jacob Arminius, um professor de teologia na Universidade de Leiden que questionava o ensino de Calvino em certos pontos importantes.
7. Os Artigos de Dort, 3.16.
8. Os Artigos Irlandeses – cento e quatro pontos teológicos adotados pela Igreja Episcopal Irlandesa (1615), escritos por James Usher (ver nota 14). Estes artigos influenciaram muito a Confissão de Fé de Westminster.
9. Artigos de Religião Irlandeses 33.
10. Cânones do Sínodo de Dort: Rejeição de erros nos capítulos três e quatro, nos nove artigos.

O Espírito que Dá Vida

Octavius Winslow (1808–1878)

“O espírito é o que vivifica.” João 6.63

Ao explicar a obra de Deus, você perceberá que começamos pelo primeiro ato gracioso e divino do Espírito — o sopro de vida espiritual na alma. Esta ação deve ser considerada como uma ação que precede todas as outras. A obra do Espírito como vivificador sempre deve preceder sua obra como santificador e consolador. Se O buscamos em qualquer de suas funções, antes de O recebermos como o Autor da vida divina na alma, invertemos sua própria ordem e nos revestimos de desapontamento. Iniciaremos a discussão deste assunto com a maior presteza, fundamentados na convicção de que as opiniões atuais acerca da doutrina da regeneração, defendidas e pregadas por muitos, não somente são muito diferentes dos antigos padrões de verdade doutrinária, mas também, o que é mais sério e profundamente lamentável, é que essas

opiniões são do tipo que a Palavra de Deus repudia claramente e sobre as quais jaz tremenda escuridão.

A regeneração, conforme ensinada por muitos nos dias de hoje, difere muito da doutrina pregada nos dias dos apóstolos e dos reformadores. Nos escritos e nos discursos deles, a base era lançada ampla e profundamente sobre a depravação original e total do homem. Na atualidade, esta doutrina é muito modificada por várias pessoas, quando não é absolutamente negada. Nos dias da igreja primitiva, a completa incapacidade da criatura e a absoluta e indispensável necessidade da ação do Espírito Santo na regeneração da alma eram distinta e rigidamente estabelecidas. Opiniões opostas a estas, subversivas da doutrina bíblica da regeneração e destruidoras dos melhores interesses da alma, são zelosa e amplamente divulgadas hoje. Sem dúvida, isto é

motivo para profunda humilhação perante Deus. Que Ele restaure em seus ministros e em seu povo uma linguagem pura e, de forma amável, renove as verdades preciosas que humilham a alma e honram a Cristo, as verdades que uma vez foram a proteção e a glória de nossa nação.

Propomos... uma descrição simples e bíblica da doutrina da regeneração, a obra do Espírito Santo em produzi-la e alguns dos efeitos verificados na vida de um crente. Que a unção daquele que é Santo venha sobre o leitor e que a verdade limpe, santifique e conforte o coração.

A regeneração é uma obra autônoma e distinta de todas as outras ações do Espírito Divino. Ela deve ser cuidadosamente diferenciada da conversão,¹ da adoção,² da justificação³ e da santificação,⁴ e tem de ser entendida como a base e a fonte destas. Por exemplo, não pode haver conversão sem um fundamento de vida na alma, pois a conversão é o exercício de um poder espiritual inserido no homem. Não há senso de adoção à parte de uma natureza renovada, pois a adoção concede apenas o privilégio, e não a natureza, de ser filho. Não existe o reconfortante senso de aceitação no Amado, enquanto a mente não passa da morte para a vida; também não existe o menor progresso numa conformidade da vontade e das afeições à imagem de Deus, se falta na alma a raiz de santidade. A fé é uma graça purificadora, mas ela se encontra apenas no coração criado de novo em Cristo Jesus. É necessário existir uma re-

novação espiritual do homem, por completo, antes que a alma passe ao estado de adotada, justificada e santificada. Leitor, medite seriamente sobre esta verdade solene. ■

Texto retirado de *The Work of the Holy Spirit*, reimpresso por The Banner of Truth Trust.

Octavius Winslow (1808-1878). Pastor, ordenado em 1833, em New York. Posteriormente, se mudou para a Inglaterra, onde se tornou um dos mais valiosos pastores do século XIX. Pregou na inauguração do Tabernáculo Metropolitano, de C. H. Spurgeon, em 1861. Foi autor de mais de quarenta livros, nos quais promovia o conhecimento experiencial das verdades de Deus. Foi sepultado no cemitério Abbey, em Bath, na Inglaterra.

Notas:

1. Conversão – o ato de voltar do pecado e dos interesses próprios para Deus, mediante a fé em Jesus Cristo, como resultado de alguma forma de proclamação cristã das Sagradas Escrituras.
2. Adoção – O que é adoção? A adoção é o ato da livre graça de Deus (1Jo 3.1) pelo qual somos recebidos no número dos salvos e temos o direito a todos os privilégios dos filhos de Deus (Jo 1.12; Rm 8.17). (*Catecismo de C. H. Spurgeon*, pergunta 33.)
3. Justificação – O que é justificação? A justificação é o ato da graça gratuita de Deus pelo qual Ele perdoa todos os nossos pecados (Rm 3:24) e nos aceita como justos aos seus olhos (2 Co 5.21), tão-somente pela justiça de Cristo imputada a nós (Rm 5.19), e recebida unicamente pela fé (Gl 2.16; Fp 3.9). (*Catecismo de C. H. Spurgeon*, pergunta 32.)
4. Santificação – O que é santificação? A santificação é a obra do Espírito de Deus (2 Ts 2.13), pela qual somos renovados no novo homem, conforme à imagem de Deus (Ef 4.24), e somos mais e mais capacitados a morrer para o pecado e a viver para a justiça (Rm 6.10). (*O Catecismo de C. H. Spurgeon*, pergunta 34.)

A Necessidade do Novo Nascimento

Arthur W. Pink (1886–1952)

Há dois principais obstáculos no caminho da salvação de qualquer dos descendentes caídos de Adão: a escravidão à culpa e à penalidade do pecado; a escravidão ao poder e à presença do pecado. Em outras palavras, eles estão a caminho do inferno e são desqualificados para entrar no céu. Esses obstáculos são, no que diz respeito aos homens, totalmente impossíveis de serem superados. Isso foi estabelecido por Cristo de forma inequívoca, quando seus discípulos perguntaram: “Quem pode ser salvo?” Ele respondeu: “Isto é impossível aos homens”. Criar um mundo é mais fácil para um pecador perdido do que salvar sua própria alma. Entretanto — louvado para sempre seja o nome do Senhor Jesus — Ele continuou, dizendo: “Para Deus tudo é possível” (Mt 19.25-26). Sim, problemas que frustram completamente a sabedoria humana

podem ser resolvidos pela Onisciência. Tarefas que desafiam os maiores esforços dos homens são facilmente concluídas pela Onipotência. Em nenhuma outra situação esse fato é exemplificado de forma mais impressionante do que na salvação outorgada por Deus aos pecadores.

Conforme afirmamos no parágrafo anterior, duas coisas são absolutamente essenciais à salvação: livramento da culpa e da penalidade do pecado; livramento do poder e da presença do pecado. Uma é garantida pela obra medianeira¹ de Cristo; a outra, pelas realizações eficazes do Espírito Santo. Uma é o resultado bendito do que o Senhor Jesus fez *pelo* povo de Deus; a outra, a gloriosa consequência do que o Espírito santo faz *no* povo de Deus...

Ora, um conhecimento vital e salvífico destas verdades divinas não pode ser adquirido por meio de estu-

do a respeito delas. Nenhum esforço na observação das Escrituras, nenhum esmero na análise dos tratados doutrinários mais corretos, nenhum exercício intelectual pode garantir o menor discernimento espiritual dessas verdades divinas. Na verdade, o pesquisador diligente pode obter um conhecimento natural, uma compreensão intelectual da mesma maneira como alguém que nasceu cego obtém uma noção das cores das flores ou da beleza de um pôr-do-sol. Pois, o homem natural não entende mais das coisas espirituais do que um

cego entende das coisas naturais. Sim, a sua compreensão espiritual não é maior do que o entendimento de uma pessoa já falecida a respeito do que acontece no mundo que ela deixou. Por semelhante modo, nada menos que o poder divino pode trazer o coração orgulhoso a uma profunda compreensão deste fato humilhante. Somente quando Deus ilumina sobrenaturalmente a alma, esta se conscientiza da horrível escuridão espiritual em que, por natureza, vive.

A verdade do que acabou de ser dito é estabelecida pela afirmação clara e solene de 1 Coríntios 2.14: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". Um conhecimento externo da verdade divina, confor-

me revelada nas Escrituras, pode fascinar a mente e fornecer idéias para especulação e conversas. Contudo, a menos que Deus aplique a verdade à consciência e ao coração, na hora da morte esse conhecimento não será mais proveitoso do que as agradáveis imagens que recordamos de nossos sonhos, no momento em que acordamos. Quão terrível é pensar que multidões de cristãos professos acordarão no inferno, onde descobrirão que seu conhecimento da verdade divina não era mais substancial do que um sonho!

Embora seja verdade que o homem não alcança os caminhos do Senhor por meio de uma busca pessoal (Jó 11.7) e que os mistérios do reino de Deus são segredos selados, até que Ele se digne em desvendá-los à alma (Mt 13.11), também é verdade que Deus se agrada em transmitir luz celeste ao nosso entendimento obscurecido pelo pecado. É por essa razão que Ele encarrega seus servos de pregarem a Palavra e explicarem as Escrituras, de forma oral e escrita. Todavia, o trabalho deles não produzirá frutos eternos, se Deus não abençoar a semente plantada pelos servos e não lhe der o crescimento. Assim, não importa quão fiel, simples ou útil seja o sermão pregado ou o artigo escrito, a menos que o Espírito o aplique ao coração, o ouvinte ou o leitor não obtém benefício espiritual. Então, você não rogará humil-

*Somente quando Deus
ilumina sobrenaturalmente
a alma, esta se conscientiza
da horrível escuridão
espiritual em que, por
natureza, vive.*

demente que Deus abra seu coração para receber tudo que está de acordo com sua santa Palavra?

A regeneração não é uma mera mudança exterior, não é uma simples mudança de vida, nem esforçar-se para ter uma vida melhor. O novo nascimento é muito mais que caminhar até ao pastor e apertar-lhe a mão. É uma obra sobrenatural de Deus no espírito do homem, é uma maravilha transcendente. Todas as obras de Deus são maravilhosas. O mundo em que vivemos está cheio de coisas que nos surpreendem. O nascimento físico é uma maravilha; mas, de vários pontos de vista, o novo nascimento é mais extraordinário. É uma maravilha da graça, da sabedoria, do poder e da beleza divina. É um milagre realizado em nós, sobre o qual podemos estar pessoalmente conscientes. É uma maravilha eterna.

Visto que a regeneração é uma obra de Deus, ela envolve mistério. Todas as obras de Deus são envolvidas em mistério insondável. A vida natural, em sua origem, essência e processos, confunde o mais cuidadoso pesquisador. Isto é muito mais verdadeiro no que diz respeito à vida espiritual. A existência e o ser de Deus transcende a compreensão finita. Então, como esperamos compreender o processo pelo qual nos tornamos seus filhos? O nosso Senhor mesmo declarou que o novo nascimento é um mistério: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.8).

A regeneração é sobremodo sole-

ne. O novo nascimento é a linha divisória entre o céu e o inferno. Aos olhos de Deus há somente dois tipos de pessoas nesta terra: aquelas que estão mortas em pecados e aquelas que andam em novidade de vida. No âmbito físico, não há um estado entre a vida e a morte. Um homem ou está morto ou está vivo. A faísca de vida pode estar muito fraca, mas enquanto ela existe, a vida está presente. Se a faísca se apaga por completo, ainda que você vista o corpo com roupas bonitas, este não passa de um cadáver. Isso também acontece no âmbito espiritual. Ou somos santos ou pecadores, espiritualmente vivos ou espiritualmente mortos, filhos de Deus ou filhos do diabo. Em vista deste fato solene, quão significativa é a pergunta: “Eu nasci de novo?” Se a resposta é não, e se você morrer nesta condição, desejará nunca haver nascido.

1. A NECESSIDADE DA REGENERAÇÃO JAZ EM NOSSA DEGENERACÃO NATURAL.

Em conseqüência da queda de nossos primeiros pais, todos nascemos afastados da vida e da santidade de Deus, despojados de todas as perfeições com as quais a natureza do homem foi dotada no princípio. Ezequiel 16.4-6 mostra uma figura de nossa terrível situação espiritual, ao entrarmos neste mundo: lançados em pleno campo, devido ao nojo que causávamos, revolvendo-nos em nosso próprio sangue, incapazes de ajudar a nós mesmos. A “semelhança” com Deus (Gn 1.26), que no princípio estava gravada na alma do homem, foi apagada; uma aversão a

Deus e um amor desordenado pela criatura tomou o seu lugar. A própria fonte de nossa natureza é poluída e jorra continuamente águas amargas; e, embora essas águas tomem vários rumos e sigam por vários canais, todas são salobras. Por essa razão o “sacrifício” dos perversos é abominável ao Senhor (Pv 15.8), e até a sua lavoura é “pecado” (Pv 21.4 - RC).

Há somente duas condições, e cada homem está incluído numa delas: a condição de vida espiritual e a de morte espiritual. Uma é a condição de justiça, a outra, de pecado; uma é salvação, a outra, condenação. Uma é inimizade, na qual o homem tem inclinações contrárias a Deus; a outra é amizade e comunhão, pelas quais os homens andam com Deus em obediência, não desejando ter intenções opostas à vontade dEle. Uma condição é chamada *trevas*, a outra, *luz* — “Pois, outrora [nos dias que precederam a regeneração, não só estáveis nas trevas, mas], éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor” (Ef 5.8). Não há meio-termo entre essas duas condições: cada pessoa encontra-se em uma delas. Cada homem e cada mulher agora, na terra, ou é objeto do prazer de Deus ou de sua abominação. As mais bondosas e imponentes obras da carne não agradam a Deus. Entretanto, as menores faíscas que procedem daquilo que a graça iluminou são aceitáveis aos seus olhos.

Na Queda, o homem se tornou *desqualificado* para aquilo que é bom. Nascido em iniquidade e concebido em pecado (Sl 51.5), o homem é um “transgressor desde o ventre materno” (Is 48.8). “Desviam-se

os ímpios desde a sua concepção; nascem e já se desencaminham, proferindo mentiras” (Sl 58.3); “é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade” (Gn 8.21). Ele pode ser civilizado, educado, sofisticado e religioso, mas no coração ele é desesperadamente corrupto (Jr 17.9). Tudo que ele faz é desprezível aos olhos de Deus, porque nada que o homem faz procede do amor a Deus e do propósito de glorificá-Lo. “Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons” (Mt 7.18). Enquanto não passam pelo novo nascimento, todos os homens são “reprovados para toda boa obra” (Tt 1.16).

Na Queda, o homem adquiriu uma *indisposição* para o que é bom. Todas as ações da sua vontade caída, por causa da ausência de um princípio correto do qual elas poderiam fluir e da ausência de um propósito correto para o qual elas se dirigiriam, são nada mais do que maldade e pecaminosidade. Deixe uma pessoa entregue a si mesma, retire dela todas as restrições impostas pela lei e pela ordem, e rapidamente ela descerá a um nível mais baixo do que o dos animais, como quase todos os missionários podem testificar. A natureza humana é melhor em terras civilizadas? Nem um pouco. Retire toda a camuflagem, e será descoberto que “como na água o rosto corresponde ao rosto, assim, o coração do homem, ao homem” (Pv 27.19). Por todo o mundo, isto é solenemente verdadeiro: “O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rm 8.7).

Em um dia por vir, Cristo apresentará a mesma acusação que proferiu quando esteve na terra: “Os homens amaram mais as trevas do que a luz” (Jo 3.19). Eles não O buscam a fim de terem “vida”.

Na Queda, o homem adquiriu uma *incapacidade* para fazer o que é bom. Ele é não somente desqualificado e indisposto, mas também incapaz de fazer o que é bom. Que homem pode dizer verdadeiramente que tem correspondido aos seus próprios ideais? Todos têm de reconhecer que existe uma estranha força interior que os subjuga e os dirige ao mal; este, por sua vez, em intensidades diferentes, vence os homens, apesar dos maiores esforços deles contra o mal. A despeito das amáveis exortações dos amigos, as fiéis advertências dos servos de Deus, os solenes exemplos de sofrimento, tristeza, enfermidade e morte, os quais vemos em toda parte, e a resolução da própria consciência, os homens ainda se rendem ao mal. “Os que estão na carne [em sua condição natural] não podem agradar a Deus” (Rm 8.8).

Assim, é evidente a *necessidade* de uma mudança radical e revolucionária no homem caído, antes que ele possa desfrutar de comunhão com o Deus três vezes santo... O homem deve ser enxertado entre os outros ramos, unido a Cristo, participante do poder de sua ressurreição. Sem isso, ele pode produzir frutos, mas não “para Deus”. Como alguém pode voltar-se para Deus sem um fundamento de mudança espiritual? Como alguém de natureza abominável e diabólica pode ser digno do Reino de Deus?

2. A NECESSIDADE DA REGENERAÇÃO JAZ NA DEPRAVAÇÃO TOTAL DO HOMEM.

Cada membro da raça de adão é uma criatura caída, e cada parte de seu ser complexo foi corrompida pelo pecado. O coração do homem é “enganoso... mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto” (Jr 17.9). O entendimento dele é cegado por Satanás (2 Co 4.4) e obscurecido pelo pecado (Ef 4.18), de modo que os desígnios do homem são continuamente maus (Gn 6.5). Suas afeições são corrompidas, de modo que ele ama o que Deus odeia e odeia o que Deus ama. As intenções do homem são desprovidas de justiça (Rm 6.20) e inimigas de Deus (Rm 8.7). Ele não é justo (Rm 3.10), está debaixo da maldição da lei (Gl 3.10) e é cativo do diabo. De fato, sua condição é deplorável, e seu caso, *desesperador*. O homem não pode melhorar a si mesmo, porque é “fraco” (Rm 5.6). Ele não pode produzir sua própria salvação, pois nele não habita nenhum bem (Rm 7.18). Logo, o homem precisa nascer de Deus, “pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura” (Gl 6.15).

O homem é uma criatura caída. Isto não significa que apenas algumas poucas folhas murcharam, e sim que toda a árvore apodreceu, da raiz até aos ramos. Em cada ser humano existe algo que é radicalmente errado. A palavra *radical* vem de um vocábulo que, em latim, significa “a raiz”; então, quando dizemos que o homem está radicalmente errado, queremos dizer que há nele, no próprio cerne e fundamento de seu ser,

aquilo que é intrinsecamente corrupto e mau. Os pecados são apenas o fruto, necessitam de uma raiz da qual brotem. Como inevitável conseqüência, inferimos que o homem precisa do auxílio de um Poder Maior para realizar uma mudança radical nele. Há somente Um que pode fazer isso. Deus criou o homem, e somente Ele pode recriá-lo. Esta é a razão da exigência: “Importa-vos nascer de novo” (Jo 3.7). O homem está espiritualmente morto e somente um poder grandioso pode trazê-lo à vida... [Portanto,] quanto mais pudermos compreender a extrema *necessidade* da regeneração e as várias razões por que ela é absolutamente essencial para que uma criatura caída torne-se apta para estar na presença do Deus três vezes santo, menos dificuldades encontraremos ao nos esforçarmos para chegar ao entendimento da *natureza* da regeneração...

Jesus Cristo veio a este mundo para glorificar a Deus e a Si mesmo por meio da redenção de um povo que seria dEle mesmo. Mas, que glória imaginamos Deus possui, e que glória atribuiríamos a Cristo, se não houvesse uma diferença fundamental entre o seu povo e o mundo? E que diferença pode haver entre estes dois grupos, senão uma mudança de coração? A partir disso, as fontes da vida (Pv 4.23), a transformação da natureza ou da disposição, são como uma nascente de onde procedem todas as outras diferenças — ovelhas e bodes têm naturezas diferentes. Toda a obra medianeira de Cristo tem em vista esse propósito. Seu ofício como sacerdote consiste em reconciliar e trazer seu povo para

Deus; como profeta, Ele ensina-lhes o caminho; como rei, Ele opera nelas essas diferenças e concede-lhes aquela beleza que é necessária para adequá-los à comunhão santa com o Deus três vezes santo. Assim Ele purifica “para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.14).

“Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganais” (1 Co 6.9). Multidões *são* enganadas, iludidas exatamente neste assunto de extrema importância. Deus tem avisado aos homens que “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto” (Jr 17.9), mas poucos crêem que isso é verdade a respeito de si mesmos. Pelo contrário, dezenas de milhares de cristãos professos enchem-se de vã e presunçosa confiança de que está tudo bem com eles. Enganam-se com esperanças de misericórdia, enquanto vivem fazendo sua própria vontade e agradando a si mesmos. Imaginam que estão aptos para o céu, enquanto a cada dia estão mais preparados para o inferno. Sobre o Senhor Jesus está escrito: “Ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21), e não nos pecados deles. O Senhor Jesus os salvará não só da *penalidade*, mas também do *poder* e da *corrupção* do pecado.

Será que as seguintes palavras não se aplicam a inúmeros cristãos: “Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos e lhe diz que a sua iniquidade não há de ser descoberta, nem detestada” (Sl 36.2)? O principal artifício de Satanás é iludir as pessoas, fazendo-as acreditar que podem, com sucesso, associar o mundo com

Deus, dar lugar à carne, enquanto desejam o Espírito, e assim “aproveitar ambos os mundos”. Mas Jesus *ênfatizou* que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6.24).

3. A NECESSIDADE DA REGENERAÇÃO JAZ NO FATO DE QUE O HOMEM É INAPTO PARA DEUS.

Quando Nicodemos, um fariseu honrado e religioso, sim, um “mestre em Israel”, procurou Cristo, este lhe disse claramente que, “se alguém não nascer de novo”, não pode ver nem entrar no “reino de Deus” (Jo 3.3-5), nem no estado que o evangelho outorga neste mundo, nem no estado de glória, no céu. Ninguém pode entrar no reino espiritual, se não possui a natureza espiritual, que lhe concede o desejo por e a capacidade de deleitar-se nas coisas espirituais. O homem natural não possui essa natureza. E, muito mais do que isso, ele não pode nem mesmo discernir as coisas espirituais (1 Co 2.14)! Ele não tem amor por elas e não as deseja (Jo 3.19). Ele não as

deseja porque a sua vontade é dominada pelas inclinações de sua carne (Ef 2.2-3). Portanto, antes que um homem possa entrar no reino espiritual, seu entendimento precisa ser iluminado sobrenaturalmente; seu coração, renovado; e sua vontade, libertada. ■

A. W. Pink (1886–1952). Era pastor e ensinava a Bíblia por meio de um ministério itinerante. Autor de *Studies in the Scriptures* e de muitos livros, incluindo o famoso *Deus é Soberano* [editado pela Editora Fiel]. Nascido em Nottingham, Inglaterra, imigrou para os Estados Unidos, retornando mais tarde à sua terra natal, em 1934.

Notas:

1. Obra medianeira – em seu propósito eterno e de acordo com o pacto estabelecido entre Ele e o Filho, aprovou a Deus escolher e destinar o Senhor Jesus Cristo, seu Filho unigênito, para ser o mediador entre Deus e os homens; para ser o profeta, sacerdote e rei; o cabeça e Salvador de sua igreja; o herdeiro de todas as coisas e Juiz do mundo. Desde toda a eternidade, Deus Lhe deu um povo para ser sua descendência e, no devido tempo, ser redimido, chamado, justificado, santificado e glorificado por Ele — Confissão de Fé Batista de Londres.

Mediante o resgate da redenção de Cristo, duas coisas são pretendidas: sua satisfação e seus méritos; uma, paga as nossas dívidas e assim satisfaz; a outra, adquire nosso título e, portanto, tem méritos. A satisfação de Cristo está em libertar-nos da miséria; o mérito de Cristo está em comprar a felicidade para nós.

Jonathan Edwards

Termos Bíblicos do Novo Nascimento

John Gill (1697–1771)

A regeneração pode ser considerada de forma mais *ampla*, incluindo a chamada eficaz,¹ a conversão e a santificação; ou de forma mais *restrita*, designando o primeiro princípio de graça infundido na alma. [Isto] faz da alma um objeto preparado para a chamada eficaz, um vaso apropriado à conversão, sendo também a fonte daquela santidade que é gradualmente desenvolvida na santificação e aperfeiçoada no céu. No que diz respeito à regeneração, os seguintes fatos devem ser examinados com atenção: o que é a regeneração ou... a sua natureza, que é tão misteriosa, desconhecida e inexplicável para um homem natural, como o foi para Nicodemos, embora ele fosse um mestre em Israel. Nós a compreenderemos melhor observando as expressões e termos pelos quais a regeneração é apresentada:

1. *Nascer de novo* — isto é o que a regeneração significa (veja Jo 3.3, 7; 1 Pe 1.3, 23). Esta expressão supõe um nascimento anterior, um primeiro nascimento, em relação ao qual a regeneração é o segundo. Se observarmos a diferença entre os dois nascimentos, os conceitos ficarão mais claros. Esses nascimentos são opostos entre si: o primeiro vem de pais pecadores e acontece à imagem *deles*; o segundo vem de Deus e acontece à imagem *dEle*. O primeiro é de semente corruptível, o segundo, de incorruptível. O primeiro acontece em pecado, o segundo, em santidade e justiça. Por meio do primeiro nascimento, os homens são corrompidos e depravados; pelo segundo, eles se tornam consagrados e começam a ser santos. O primeiro nascimento é carnal; o segundo é espiritual, transformando os que passam por ele em homens espirituais. Por meio

do primeiro nascimento, os homens são loucos e insensatos; nascem como crias de asnos monteses. Por meio do segundo nascimento, eles se tornam instruídos e sábios para a salvação. Por meio do primeiro nascimento, eles são escravos do pecado e das paixões carnis: sua condição de escravo é inata. Por meio do segundo nascimento, eles se tornam os libertos de Cristo. Por meio do primeiro nascimento, eles são transgressores e seguem um caminho de pecado, até que são interrompidos pela graça. No segundo nascimento, eles param de cometer pecados, isto é, param de seguir o caminho de pecado, passando a viver em santidade. Sim, aquele que é nascido de Deus *não vive em pecado*. Por meio do primeiro nascimento, os homens são filhos da ira e estão sob o desprazer divino; no segundo nascimento, eles se tornam objetos do amor de Deus, sendo a regeneração o fruto e o efeito desse amor...

2. *Nascer do alto* — assim poderia ser traduzida a expressão de João 3.3, 7. Tiago disse, de um modo geral, que toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto; e a regeneração, sendo esse tipo de dádiva, deve vir do alto... “Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade” (Tg 1.17-18). O autor desse nascimento é do alto; e os que nasceram de novo nasceram de

Deus Pai, que está no céu. A graça concedida na regeneração vem de cima (Jo 3.27). A verdade no íntimo, a sabedoria no espírito ou a graça de Deus no coração, produzida na regeneração, é a sabedoria que vem do alto (Tg 3.17). Assim são os nascidos de novo, pois eles são nascidos do alto, têm excelente nascimento, são participantes da vocação soberana e celestial de Deus, em Cristo Jesus, e certamente a possuirão (1 Pe 1.3-4; Hb 3.1; Fp 3.14).

3. É comum a regeneração ser expressa por *novo nascimento*; e com grande propriedade, visto que o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo estão juntos, como que significando a mesma coisa. A regeneração produz o que as Escrituras chamam de *nova criatura* e *novo homem*, e

— ■ —
*Não é uma melhoria dos
 velhos princípios, nem
 uma correção da imagem
 de Deus corrompida e
 arruinada no homem. É
 uma obra totalmente nova.*
 — ■ —

os nascidos de novo são chamados de *crianças novamente nascidas* (Tt 3.5; 2 Co 5.17; Ef 4.24; 1 Pe 2.2). É um novo homem em oposição ao velho ou ao princípio da natureza corrupta, que é tão antigo quanto o homem. Mas o princípio da graça infundido na regeneração é novo. É algo *novo*, inserido no coração; é algo que antes nunca esteve na natureza humana, nem mesmo em Adão, quando vivia em seu estado de inocência. Não é uma influência sobre os velhos princípios da natureza, nem a elevação deles a um grau superior. Não é uma melhoria dos velhos princípios, nem

uma correção da imagem de Deus corrompida e arruinada no homem. É uma obra totalmente *nova*. É chamada de nova criatura; é uma obra realizada pelo poder onipotente, uma nova criatura, um novo homem constituído de várias partes, todas elas novas. Nessa nova criatura, existem um coração novo, um espírito novo, uma mente nova, para conhecer e entender coisas que antes não podiam ser conhecidas nem entendidas — um novo coração para conhecer a Deus, não como o Deus da natureza e da providência, e sim como o Deus da graça, Deus em Cristo, Deus em um Mediador, o amor de Deus nEle, a aliança da graça e as bênçãos dessa aliança estabelecida nEle. [É um novo coração para conhecer] a Cristo e a plenitude da graça nEle, o perdão do pecado por meio de seu sangue, a justificação por meio de sua justiça, a redenção por meio do seu sacrifício, aceitação diante de Deus por meio dEle e completa salvação por intermédio dEle — coisas sobre as quais Adão nada sabia no Paraíso.

Neste novo coração, há novos desejos por esses objetos, para conhecer mais sobre eles; há novas afeições colocadas sobre eles, novos deleites neles e novas alegrias que surgem deles (Ez 36.26; 1 Jo 5.20; 1 Co 2.9). Este novo homem enxerga com novos *olhos*. Deus não concede a algumas pessoas olhos para ver coisas divinas e espirituais, mas Ele os concede para os nascidos de novo. Eles têm olhos que vêem, feitos pelo Senhor (Dt 29.4; Pv 20.12), com os quais eles vêem seu estado de perdição, sua condição natural, a excessiva corrupção do pecado, sua incapacidade de se re-

dimir por meio do que possam fazer. [Vêem] a insuficiência de sua justiça, sua incapacidade de fazer boas obras e a falta de poder para ajudarem a si mesmos a livrarem-se do estado e da condição em que estão. [Vêem sua necessidade] do sangue, da justiça e do sacrifício de Cristo, e da salvação por intermédio de Cristo. Eles têm os olhos da fé com os quais contemplam as glórias da pessoa de Cristo, a plenitude de sua graça, a excelência de sua justiça, a virtude de seu sangue e sacrifício, o benefício e a perfeição de sua salvação. Neste aspecto, a regeneração não é outra coisa senão luz espiritual no entendimento.

Além disso, o novo homem tem novos *ouvidos*. Nem todos têm ouvidos para ouvir. Alguns têm e os receberam do Senhor; e benditos são eles (Ap 2.11; Dt 29.4; Pv 20.12; Mt 13.16-17). Ouvem a Palavra de um modo como nunca ouviram antes. Eles a entendem e passam a amá-la; por meio dela, distinguem a voz de Cristo da voz de um estranho, de modo que sentem-na agir neles com eficácia e tornar-se o poder de Deus para a salvação deles. Conhecem o jubilo som e regozijam-se em ouvi-lo!

O novo homem também tem novas *mãos* com as quais pode agir: a mão de fé para receber a Cristo como Salvador e Redentor, para apropriar-se dEle para a vida e a salvação, para recebê-Lo, para apegar-se a Ele e não deixá-Lo ir embora. [Eles têm mãos] para tocá-Lo, a Palavra da vida, e receber dEle graça sobre graça. Têm mãos com as quais podem servir motivados por princípios melhores, a fim de atingir objetivos melhores do que os anteriores.

Eles têm novos *pés*, com os quais correm para Cristo, a Cidade de refúgio; andam pela fé, prosseguem nEle, assim como O receberam; atravessam com alegria os caminhos de suas ordenanças, seguem-No com empenho e continuam a conhecê-Lo. Têm novos pés com os quais podem correr e não se fatigar, andar e não desfalecer.

4. A regeneração é expressa por *ser vivificado*. Assim como há, na criação natural, um momento em que a vida passa a existir, na regeneração acontece o mesmo. “Ele vos deu vida” (Ef 2.1). Antes da regeneração, os homens estão mortos, embora vivam; ainda que estejam fisicamente vivos, estão moralmente mortos; estão mortos em um sentido moral para as coisas espirituais, em todas as forças e capacidades de sua alma. Não as conhecem, não têm afeição por elas, amor por elas ou poder de realizá-las, à semelhança de um homem morto em relação às coisas naturais. Entretanto, na regeneração um princípio de vida espiritual é infundido no homem; é um tempo em que o Senhor *lhes* transmite vida e a produz *neles*. Cristo é a ressurreição e a vida neles. [Ele] os ressuscita da morte do pecado para uma vida de graça. O espírito da vida de Cristo entra neles.

A regeneração é uma passagem da morte para a vida. É um princípio de vida espiritual implantado no coração, em conseqüência do qual um homem inspira um senso espiritual. Onde há fôlego, há vida. Deus soprou em Adão o fôlego de vida, e este se tornou uma alma vivente, uma pessoa viva que, em resposta, respirou.

Assim, o Espírito de Deus sopra em ossos secos, e eles vivem e passam a respirar. A oração é a respiração espiritual de um homem regenerado. “Ele está orando” (At 9.11) é algo observado sobre Saulo após sua regeneração. Um pouco antes ele respirava ameaças e morte contra os discípulos de Cristo. Um homem regenerado respira oração a Deus e suspira por Ele, por conhecê-Lo mais em Cristo, por ter comunhão com Ele, por manifestações de seu amor e, em especial, pela benevolente graça e misericórdia. Às vezes, estas respirações e desejos são expressos apenas por suspiros e gemidos, mas ainda são sinais de vida. Se um homem suspira, é claro que está vivo.

O homem regenerado deseja intensamente o alimento espiritual; e isso demonstra que ele foi vivificado. Logo que uma criança nasce, ela procura o seio materno em busca de leite. Assim, os recém-nascidos espirituais desejam o genuíno leite da Palavra, por meio do qual eles podem crescer. Seus sentidos espirituais são exercitados em assuntos espirituais. Têm o que corresponde aos sentidos da vida natural: o ver, o ouvir e, como já observamos, o sentir. Eles sentem o fardo do pecado na consciência e as obras do Espírito de Deus em seu coração; e confiam em Cristo, a Palavra da vida — isso deixa evidente o fato de que estão vivos: um morto nada sente. Têm uma inclinação espiritual, um deleite nas coisas espirituais; a Palavra de Cristo *lhes* é mais doce ao paladar do que o mel ou o favo de mel... Eles provam que o Senhor é gracioso e convidam outros a provar e ver também quão bom Ele é. Eles

se deleitam com as coisas de Deus e não dos homens. Cristo e sua graça lhes são agradáveis... Estes sentidos espirituais e o exercício deles... mostram que estão vivos, que nasceram de novo. Essas pessoas levam uma vida de fé; vivem por fé — não a fé *em si mesma*, mas em Cristo, o objeto da fé. Crescem em Cristo, a Cabeça deles, de quem recebem sustento e assim crescem no crescimento que vem de Deus; e isto é uma evidência de vida. Resumindo, eles vivem uma vida nova, diferente da que tinham antes; não vivem mais para si mesmos ou para as paixões dos homens, e sim para Deus e para Cristo, que morreu e ressuscitou por eles. Andam em novidade de vida.

5. A regeneração é demonstrada pela *formação de Cristo na pessoa convertida* (Gl 4.19). A imagem dEle é gravada na regeneração; não a imagem do primeiro Adão, e sim a do segundo Adão. Pois o novo homem é feito segundo a imagem dAquele que o criou de novo, é a imagem de Cristo. Os eleitos de Deus são predestinados a serem conformados a esta imagem; e isso acontece na regeneração (Rm 8.29; Cl 3.10). As graças de Cristo — fé, esperança e amor — são produzidas no coração da pessoa regenerada e logo se tornam visíveis. Sim, o próprio Cristo vive neles. O apóstolo Paulo disse: “Não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé” (Gl 2.20). Cristo e o crente vivem mutuamente um no outro.

6. A regeneração é explicada como o ser *co-participante da natu-*

reza divina (2 Pe 1.4). Isto não significa que o nascido de novo se torna participante da natureza essencial de Deus: uma criatura não pode participar da essência divina, e esta não pode ser comunicada à criatura. Isto seria deificar os homens. Muitas das *perfeições* divinas são totalmente in-comunicáveis, como a eternidade, a imensidade, etc. Os nascidos de novo também não participam da *natureza* divina da mesma maneira como Cristo participa, pela união pessoal e hipostática² das duas naturezas nEle, a união em que a plenitude da divindade habita corporalmente nEle. Mas a regeneração produz na alma uma semelhança com a natureza divina em espiritualidade, santidade, bondade, benevolência, etc.; por isso, a regeneração também recebe essa designação. ■

John Gill (1697-1771) Pastor batista e teólogo. Autor de *The Cause of God and Truth, Expositions of the Old and New Testaments* e outros. Nasceu em Kettering, Northamptonshire, Inglaterra.

Notas:

1. Chamada eficaz – O que é a chamada eficaz?
A chamada eficaz é a obra do Espírito de Deus (2 Tm 1.9) pela qual Ele nos convence de nosso pecado e miséria (At 2.37), ilumina nossa mente no conhecimento de Cristo (At 26.18), renova nossa vontade (Ez 36.26), nos persuade e capacita a receber Jesus Cristo, oferecido gratuitamente no evangelho (Jo 6.44-45). (*O Catecismo de C. H. Spurgeon*, pergunta 30.)
2. União hipostática – (de *hypostasis*) a união hipostática refere-se à união das naturezas divina e humana na pessoa de Cristo Jesus.

Novo Nascimento, Arrependimento e Fé

James Buchanan (1804–1870)

A conversão consiste em um pecador ser levado, verdadeira, inteligente e sinceramente a unir-se e sujeitar-se à vontade revelada de Deus no que diz respeito à sua salvação.

No momento da conversão, é produzida, na consciência do pecador, convicção de pecado, e um conhecimento da verdade de Deus é concedido à sua compreensão. O pecador é conduzido ao seguinte ponto: chega a uma decisão final que envolve, de imediato, uma firme aprovação do entendimento, em um ato de fé, e um total consentimento de sua vontade, em um ato de escolha deliberada. *Ele se rende ao poder da verdade de Deus.* Submete-se à vontade revelada de Deus no que se refere à sua salvação. O homem é convencido de que é um grande pecador e de que Cristo é um grande Salvador, designado pelo próprio Deus, qualificado por causa da dig-

nidade de sua natureza divina, da ternura de sua compaixão humana e da eficácia de sua obra meritória, ao salvar com toda a soberania todos os que se achegam a Deus por meio dEle, que é um Salvador apresentado... a cada pecador, na doutrina geral do evangelho, o qual declara o amor voluntário e inefável de Cristo em sua chamada universal. O pecador, tomando este evangelho como garantia, vem a Cristo, une-se a Ele, recebe-O em toda a plenitude de seus ministérios e rende-se sem reserva às mãos do Salvador, para ser lavado, justificado e santificado de acordo com os termos da aliança eterna. *Isto* é a conversão. *Isto* assegura a salvação de um pecador, e nada menos do que isto pode assegurá-la.

Deve haver uma anuência inconfundível à chamada do evangelho, uma resolução final; primeiro, por parte do entendimento; depois, por

parte da vontade... crendo ser absolutamente certo que Jesus é o Cristo, o único mas todo-suficiente Salvador, devemos nos unir a Ele conforme Ele é revelado para nós no evangelho e crer nEle como a nossa única salvação e único desejo (2 Sm 23.5). Não basta que sejamos ocasionalmente convencidos do pecado; isso aconteceu com

Caim, Herodes e Judas. Também não basta adquirirmos algum conhecimento teórico da verdade divina; Agripa tinha esse conhecimento e quase foi persuadido a tornar-se cristão. Simão, o mágico, também fez uma profissão de fé suficiente apenas para seu batismo, mas, apesar disso, permaneceu “em fel de amargura e laço de iniquidade” (At 8.23). A conversão envolve muito mais: envolve uma união real, intencional e sincera com Cristo, em seu caráter revelado, e uma entrega de nossa alma às suas mãos. É uma mudança radical no coração, pela qual o pecador é levado, de fato, a unir-se ao Salvador. É possível que, antes, o pecador tenha sido atribulado em sua consciência, comovido em suas afeições e, até certo ponto, instruído nas verdades de Deus. Mas até ao momento da conversão ele hesitou, demorou-se e duvidou. Não houve um acordo, o contrato não foi assinado, o ato decisivo não foi tomado. Porém, ele é trazido a determinado ponto: o assunto, há longo tempo em negociação, finalmente

está decidido. Ele vê a magnitude da ruína iminente, o terrível risco de uma hora de atraso; e, ouvindo que Cristo, somente Cristo, pode salvá-lo, ele crê e vem a Cristo, deliberada e solenemente, para confiar sua alma às mãos dEle e recebê-Lo como seu próprio Salvador.

A conversão envolve uma união real, intencional e sincera com Cristo, em seu caráter revelado, e uma entrega de nossa alma às suas mãos.

Esse ato decisivo de unir-se a Cristo e sujeitar-se à vontade revelada de Deus no que diz respeito a nossa salvação, embora, a princípio, talvez pareça muito simples e fácil, inclui em si, entendo eu, tudo que é essencial à conversão salvífica ou que é, conforme dizem as Escrituras, essencial para acompanhá-la ou para fluir dela. Que o pecador una-se a Cristo em seu caráter bíblico ou, em outras palavras, que ele tenha compreensão correta de Cristo como Ele é revelado no evangelho e creia nEle sinceramente... como seu próprio Salvador, em toda a plenitude de seus ofícios. A partir desse momento, o pecador é, de fato, um homem convertido, embora seu conhecimento e experiência em muitos outros aspectos sejam incompletos. Ele já experimentou tudo que está envolvido nessa grande mudança; e aparecerão as demais conseqüências que fluem apropriadamente da conversão.

Esse ato decisivo significa [o seguinte]: 1) que ele acredita que Jesus é o Cristo. Em outras palavras, ele crê que o Jesus que foi crucificado

no monte do Calvário é o Filho de Deus, manifestado em natureza humana como o Salvador dos pecadores e, como tal, cumprindo a vontade de Deus, agindo por sua autoridade e executando sua comissão. Ele foi ungido com o Espírito Santo como um profeta, para declarar a infalível verdade de Deus; como um sacerdote, para satisfazer a inflexível justiça de Deus; como um rei, para sujeitar o mundo ao governo de Deus. Ele foi, uma vez, o Cristo crucificado, mas agora é exaltado, investido de todo o poder e apto para salvar totalmente todo aquele que se achegar a Deus por meio dEle.

2. Esse ato decisivo de unir-se a Cristo em seu caráter revelado significa que o homem sente que é pecador. E, nesta condição, ele está condenado pela lei de Deus, exposto às ameaças de Deus, vivendo em perigo iminente da ruína eterna, enquanto não tem meios nem poder para salvar a si mesmo, mas depende de um Salvador.

3. Significa que o pecador está disposto, ou melhor, significa que lhe foi dada uma disposição para receber, pertencer e se submeter a Cristo como o Ungido de Deus e, no que diz respeito a todos os seus ofícios, como o Redentor do povo de Deus. De boa vontade, o pecador submete seu entendimento ao ensino de Cristo, recebendo de seus lábios a verdade e, com base em sua autoridade, como a infalível verdade de Deus. Ele concorda com a maneira de ser justificado, não por sua própria justiça, mas pela justiça de Cristo, buscando ser perdoado tão-somente pelo mérito do sangue de

Cristo, derramado na cruz e aceito apenas por causa da eficácia de sua obediência meritória. De boa vontade, o pecador sujeita seu coração e sua vida à autoridade real de Cristo, a fim de que seu coração seja renovado e santificado pelo Espírito de Cristo e que sua vida seja governada e regulada pela lei de Cristo. Resumindo, o pecador está disposto a receber e aceitar um Cristo e uma salvação completos. Está disposto a render-se sem reservas — alma, corpo e espírito — às mãos de Cristo, para ser salvo e santificado, governado e conduzido, agora e eternamente, de acordo com os termos da aliança eterna.

Isto é uma conversão real, completa, que consiste, principal e essencialmente, no arrependimento e na fé, dons do Espírito que frequentemente são usados juntos ou até separados, para mostrar a totalidade desta grande mudança. O arrependimento indica aquilo *de que* o pecador foi afastado; e a fé, a direção *à qual* ele se voltou. A conversão é o momento decisivo em que ele sai do caminho largo que leva à destruição e entra no caminho estreito que leva à vida. Então, ele escapa da ira vindoura e procura a Cristo como seu refúgio. Ele abandona o serviço ao pecado e segue a Cristo como seu Senhor. O pecador afasta-se da perdição e busca a salvação em Cristo. O arrependimento descreve sua conversão referindo-se principalmente àquilo *de que* ele se afasta, e a fé expõe, em primeiro lugar, a direção *à qual* ele se volta. Uma envolve a outra: não há arrependimento verdadeiro onde não existe fé, e não exis-

te fé onde não há arrependimento. Ambos são produzidos na alma no momento da conversão pelo poder do Espírito Santo, que aplica a verdade como ela é em Jesus. A partir desta mudança radical de coração, flui uma mudança na vida exterior, uma transformação que procede de uma mente renovada. Primeiro, a árvore é tornada boa; depois, os frutos tornam-se bons também (Mt 12.33). A fonte é purificada, e o rio que dela emana também fica puro.

Nas Escrituras, a obra de produzir a fé verdadeira é citada com frequência como equivalente a toda a obra de regeneração: “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus” (1 Jo 5.1). E, outra vez: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.12-13). Neste versículo, todos os que realmente crêem são chamados de nascidos de Deus; e, como todo crente verdadeiro é um homem convertido, a obra de produzir a fé salvífica é equivalente à obra de regeneração.

Então, a fé deve ser autêntica e bíblica, conforme é exigida no evangelho; não é a fé que o apóstolo Tiago declara ser morta, e sim a fé bíblica, descrita nas Escrituras como uma crença bem fundamentada que descansa no testemunho seguro de Deus. [Deve ser] uma crença positiva, não uma mera negação ou ausência de descrença, nem uma opinião incerta e inconstante, mas uma convicção completa da mente. [Deve

ser] uma crença inteligente que difere da ignorância cega e envolve uma percepção do significado da verdade de Deus; uma crença abrangente e completa, que inclui todo o conhecimento essencial sobre o método da salvação. Esta crença envolve uma compreensão bíblica de Deus e de seu verdadeiro caráter e de Cristo em sua pessoa como Emanuel; envolve a plenitude de seus ofícios como Mediador, sua grande obra planejada e terminada e inclui a compreensão de nós mesmos como culpados, depravados e expostos a uma sentença de justa condenação. Esta crença, que está fundamentada no testemunho de Deus e envolve discernimento espiritual de sua verdade; é um princípio vital, ativo e eficiente, que submete a vontade a uma postura condescendente para com o chamado de Deus e desperta emoções apropriadas de reverência, temor, complacência, deleite, amor e alegria, renovando, transformando, purificando a alma e realizando uma mudança completa em todos os nossos hábitos.

Produzir esta fé real, viva e santificadora é a grande obra do Espírito na conversão e envolve ou produz uma mudança universal em todas as habilidades de nossa natureza. E logo que esta fé é implantada na alma do pecador, ele se torna um novo homem, a verdade de Deus é recebida pela fé, renovando seu entendimento, sua consciência, sua vontade, suas inclinações e afeições: “As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5.17).

Então, cada crente, de acordo com o sentido evangélico desse ter-

mo, é nascido de novo. Em outras palavras, ninguém é um crente, se não é regenerado... A regeneração propriamente consiste na obra de produzir uma fé salvífica. Mas esta deve estar em harmonia com a fé que o evangelho exige e descreve. Embora possa estar firmada no entendimento, envolve uma mudança em toda a nossa natureza moral e, especialmente, uma renovação da vontade. O entendimento é, no que se refere à ordem da natureza, a faculdade governante e principal da alma. É por meio da verdade crida sinceramente que a grande mudança é realizada.

Mas a verdade não é entendida nem crida apropriadamente, quando não produz nenhuma mudança no coração e nos hábitos do pecador. Este pode ler, falar e meditar sobre a verdade. Pode até aceitar algumas partes dela e retê-la com firmeza... mas a verdade substancial do evangelho de Cristo não pode ser realmente entendida e crida por um homem que permanece não-convertido... É verdade que um homem não-regenerado pode supor que

crê; talvez nunca tenha duvidado da verdade geral da palavra de Deus; pode ter se aliado ao evangelho e, por meio de uma profissão pública ou da conversa particular, pode defendê-lo e confirmá-lo. Sim, ele pode até pensar coisas espirituais e ter muitas convicções em sua consciência que demonstram não ser ele completamente ignorante ou insensível. Apesar disso, entendo que, de acordo com a Palavra de Deus, nada pode ser mais claro do que o ensino de que essas impressões efêmeras podem ser experimentadas, frequentemente, por um não-convertido e de que, se uma pessoa não é regenerada nem transformada pela fé, ela não possui a fé verdadeira, de maneira alguma. ■

Extraído de *The Office and Work of the Holy Spirit*, reimpresso por The Banner of Truth Trust.

James Buchanan (1804-1870). Ministro e teólogo da Igreja da Escócia; um escritor profícuo e popular. Famoso por suas obras *The Office and Work of the Holy Spirit* e *The Doctrine of Justification*. Nascido em Paisley, Renfrewshire, Escócia.

“Senhores, onde a verdadeira vida concedida pelo céu está presente, ali podem ser vistos os resultados... Se o amor de Cristo em nós não nos torna melhores do que os melhores homens mundanos, não demonstramos evidências de que experimentamos a obra renovadora de Deus, o Espírito Santo.”

Charles H. Spurgeon

As Marcas do Novo Nascimento

J. C. Ryle (1816–1900)

Muitas pessoas têm como certo que nasceram de novo — não sabem exatamente por que, mas é algo do que nunca duvidaram. Existem outros que desprezam toda averiguação cuidadosa sobre este assunto — têm certeza de que estão no caminho certo, crêem que serão salvos. No entanto, quanto às marcas da pessoa salva, é vil e legalista falar sobre elas; isso leva as pessoas à escravidão. Todavia, amados, não importa o que os homens digam, podemos estar certos de que o povo de Cristo é singular, não somente em seu falar, mas também em sua vida e conduta. Eles podem ser distinguidos dos não-convertidos ao seu redor. Você pode estar certo de que há traços, marcas e qualidades na obra de Deus pelos quais ela sempre pode ser identificada. Aquele que não possui evidências para mostrar pode suspeitar de que não se encontra no caminho certo.

Terei de falar de modo breve e geral sobre estas marcas, pois o tempo não me permite mais que isso. Porém, antes de tudo, quero oferecer uma palavra de advertência: lembre-se de que não é minha intenção que você suponha que todos os filhos de Deus têm os mesmos sentimentos ou que estas marcas sejam igualmente fortes e claras em cada filho de Deus. A obra da graça no coração do homem é gradual: primeiro, a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga. É como fermento: a massa toda não é fermentada de uma vez. É como o nascimento de uma criança: primeiro ela sente aquele mundo novo, depois move-se e chora, vê, escuta, conhece coisas, ama, caminha, fala e age por si mesma. Cada uma dessas coisas acontece gradualmente, de maneira ordenada. Mas não esperamos que todas aconteçam, para dizermos que se trata de

uma alma vivente. Assim também é todo aquele que é nascido do Espírito. No começo, ele pode não encontrar em si mesmo todas as marcas de Deus, mas as sementes delas estão ali. Algumas ele conhece por experiência própria; e, com o passar do tempo, todas serão conhecidas distintamente. Pelo menos, disto você pode estar certo: onde não há fruto do Espírito, ali não há obra do Espírito; e, se um homem não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Ele.

Que este assunto o encoraje a examinar e provar seus caminhos! Deus não é homem para que minta. Ele não nos teria dado a Bíblia, se pudéssemos ser salvos sem ela. E este é um ensino do qual depende a vida eterna: “Não há salvação sem o novo nascimento”.

1. Em primeiro lugar: aconselho-o a memorizar uma marca que João menciona em sua primeira epístola: “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado” (1 Jo 3.9); “Todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado” (1 Jo 5.18); “Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu” (1 Jo 3.6). Observe que não desejo, nem por um minuto, que você suponha que os filhos de Deus são perfeitos, sem mancha ou corrupção. Não saia por aí dizendo que lhe falei que os filhos de Deus são puros como os anjos, nunca erram ou tropeçam. O apóstolo João, na mesma epístola, declara: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós... Se dissermos que

não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós” (1 Jo 1.8, 10).

Estou dizendo que, em se tratando de quebrar os mandamentos de Deus, todo aquele que é nascido de novo é um homem completamente novo. Ele não tem mais uma visão frívola, indiferente e leviana do pecado. Não o julga mais de acordo com a opinião do mundo. Não pensa mais que uma mentirinha, um pequeno deslize na observância de guardar o domingo, uma pequena fornicção ou um pouquinho de bebida alcoólica ou de avareza são assuntos triviais e insignificantes. Ele vê todo tipo de pecado contra Deus e contra o homem como excessivamente odioso e condenável aos olhos do Senhor. E, no que diz respeito a ele mesmo, odeia e abomina o pecado, desejando ficar completamente livre dele com todo o seu coração, mente, alma e força.

Aquele que nasceu de novo teve abertos os olhos de seu entendimento, e os Dez Mandamentos se revelam em uma luz completamente nova para ele. Sente-se surpreso com o fato de que viveu, durante tanto tempo, em descuido e indiferença quanto às transgressões e lembra os dias passados com vergonha, arrependimento e tristeza. No que diz respeito à sua rotina diária, ele não se permite cometer os pecados sobre os quais está consciente. Não faz concessões aos seus velhos hábitos e princípios, desiste deles por completo, embora isso lhe custe sofrimento, e o mundo o considere muito cerimonioso e tolo. Contudo, ele é um novo homem e não está mais ligado a coisas que amaldiçoam.

Afirmo que ele erra e encontra sua velha natureza fazendo-lhe oposição continuamente — e isso também acontece quando ninguém pode vê-lo, quando ele está sozinho; mas ele lamenta e se arrepende muito de sua fraqueza. Mas ele tem certeza disto: está em guerra contra o diabo e todos os seus feitos; e não cessa de lutar para libertar-se.

Você não chama isso de mudança? Olhe para todo este mundo, este mundo perverso, observe quão poucos são os homens que pensam sobre o pecado e como é raro eles julgarem o pecado como a Bíblia o julga; como eles supõem que é fácil o caminho para o céu — e conclua se esta marca não é extraordinariamente rara. Mas, apesar de tudo isso, Deus não se deixa escarnecer. Os homens podem ter certeza de que, se não se convenceram da terrível culpa, do terrível poder e das terríveis conseqüências do pecado, se, uma vez convencidos, não fugiram para Cristo e não abandonaram o pecado, eles não nasceram de novo.

2. A segunda marca à qual chamo sua atenção é a fé em Cristo. Neste ponto, uso novamente as palavras de João em sua primeira epístola: “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus” (1 Jo 5.1). Não estou falando sobre um tipo de crença geral e vaga no fato de que Jesus viveu e morreu na terra — um tipo de

fé que até os demônios possuem. Estou falando sobre aquela convicção que acontece num homem, quando ele realmente está certo de sua própria culpa e indignidade, vendo que somente Cristo pode ser seu Salvador. Ele se convence de que está no caminho que conduz à perdição e de que precisa ter uma justiça melhor do que a sua própria, recebendo com alegria a justiça que Jesus oferece a todos os que crêem. A pessoa que tem essa fé descobre um benefício, um favor e um conforto na

*A pessoa que tem essa fé
descobre um benefício,
um favor e um conforto
na doutrina de Cristo
crucificado por pecadores,
um benefício que outrora
ela não conhecia.*

doutrina de Cristo crucificado por pecadores, um benefício que outrora ela não conhecia. Ele não se envergonha mais de admitir que é, por natureza, pobre, cego e nu, e crer em Cristo como sua única esperança de salvação.

Antes de um homem nascer do Espírito, não parece haver boa aparência nem formosura no Redentor. Mas, depois que acontece essa bendita mudança, Ele se mostra o principal entre dez mil. Ninguém, exceto Jesus, é digno de tão grande honra; ninguém, exceto Jesus, concede melhor amor; só Jesus pode suprir a maior necessidade espiritual; o pior pecado pode ser purificado tão somente por Jesus. Antes do novo nascimento, um homem pode até reverenciar o nome de Cristo, mas talvez isso seja tudo o que ele faz. Uma vez nascido de novo, ele vê em Cristo uma plenitude, uma perfeição

e uma suficiência das coisas necessárias à salvação; assim, ele sente que jamais poderia meditar o suficiente sobre o Salvador. As mais notáveis marcas dos verdadeiros filhos de Deus são: eles lançam seu fardo de pecado sobre Jesus; gloriam-se na cruz, onde Ele morreu; têm diante de si o sangue de Cristo, sua justiça e sua intercessão; buscam-No sempre, a fim de obterem paz e perdão; descansam totalmente nEle para a salvação completa e gratuita; resumindo, fazem de Jesus toda a sua esperança de entrar no reino dos céus. Vivem pela fé em Cristo; têm a sua felicidade firmada em Jesus.

A Lei espiritual de Deus conduz o homem ao seguinte: Houve um tempo em que os filhos de Deus eram propensos a pensar o bem a respeito de si mesmos. A Lei, no entanto, despoja-os de seus miseráveis trapos de justiça, expõe sua excessiva culpa e podridão, acaba com suas idéias ilusórias de justificação por suas próprias obras e assim os conduz a Cristo como sua única sabedoria e redenção. Então, quando se apropriam de Cristo e O recebem como seu Salvador, começam a encontrar aquele descanso que antes procuravam em vão.

Estas são as duas primeiras marcas da obra do Espírito — uma profunda convicção do pecado e a rejeição do pecado; e, uma fé vigorosa em Cristo crucificado como a única esperança de perdão. Estas são marcas que talvez o mundo nunca veja, mas sem elas nenhum homem ou mulher jamais se tornou nova criatura. São os dois fundamentos do caráter cristão, os pilares, por assim

dizer, do Reino de Deus. São raízes escondidas que as outras pessoas conseguem julgar apenas pelos frutos; mas aqueles que as possuem geralmente sabem delas e podem sentir a evidência em si mesmos.

3. A terceira marca do novo nascimento é santidade. Mais uma vez, o que disse o apóstolo João? “Todo aquele que pratica a justiça é nascido dele” (1 Jo 2.29); “Aquele que nasceu de Deus o guarda” (1 Jo 5.18). Os verdadeiros filhos de Deus têm prazer em fazer da Lei a sua regra de vida. Ela habita em sua mente e está gravada em seu coração; fazer a vontade do Pai é sua comida e bebida. Eles não sabem nada do espírito de escravidão do qual os falsos cristãos reclamam. O prazer deles é glorificar a Deus com seu corpo e sua alma, os quais são do Pai. Eles têm fome e sede de caráter e disposições semelhantes aos de seu Senhor. Não contentam-se com uma vontade e uma esperança pobres, mas lutam para serem santos em todo tipo de relacionamento com as demais pessoas — no pensamento, nas palavras e nas ações. A oração diária de seu coração é: “Senhor, que queres que faça?” (At 9.6 — RC); e a sua tristeza e lamentação diária consiste no fato de que são servos inúteis e falhos. Amados, lembre-se de que, onde não há santidade de vida, ali não pode haver muita ação do Espírito Santo.

4. A quarta marca do novo nascimento é uma mente espiritual. Aprendemos isso das palavras de Paulo aos crentes de Colossos: “Se fostes ressuscitados juntamente com

Cristo, buscai as coisas lá do alto... Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3.1-2). A pessoa que nasce de novo pensa primeiramente nas coisas eternas. Não dedica mais o melhor de seu coração às preocupações deste mundo, que perecerá. Ela vê a terra como um lugar de peregrinação, e o céu, como o seu lar. Assim como uma criança lembra-se, com prazer, de seus pais ausentes e deseja estar com eles um dia, assim também o cristão pensa em seu Deus e anseia pelo dia em que estará com Ele e jamais se afastará de sua presença. O cristão não se importa com os prazeres e distrações do mundo ao seu redor, não se ocupa com as coisas da carne, e sim com as do Espírito. Ele sente que possui uma casa eterna no céu, não feita por mãos, e deseja sinceramente estar lá. “Senhor”, ele diz, “quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra” (Sl 73.25).

5. A quinta marca do novo nascimento é a vitória sobre o mundo. Veja o que João disse: “Todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5.4). O que é o homem natural? Um infeliz escravo da opinião deste mundo.

O homem natural segue e aprova aquilo que o mundo diz que é certo; ele renuncia e condena aquilo que o mundo diz ser errado. Como fa-

rei o que meus vizinhos não fazem? O que os homens dirão de mim, se me tornar mais severo do que eles? Esse é o argumento do homem natural. Mas aquele que nasceu de novo está livre de tudo isso. Ele não é mais norteadado pelos elogios ou pelas censuras, pelas risadas ou pelos semblantes sombrios dos filhos de Adão, seus semelhantes. O nascido de novo não pensa mais que o tipo de religião que todos ao seu redor professam deve, necessariamente, estar certo. Não pensa mais: “O que o mundo dirá?”, e sim: “O que Deus ordena?” Oh! que mudança gloriosa ocorre quando um homem não pensa

*Antes do novo nascimento,
um homem pode até
reverenciar o nome de
Cristo, mas talvez isso seja
tudo o que ele faz.*

na dificuldade de confessar a Cristo diante dos outros, porque tem a esperança de que Cristo o confessará e o reconhecerá diante dos santos anjos!

Esse temor do mundo é uma terrível cilada; para milhares de pessoas, ele é muito mais importante do que o temor a Deus. Há homens que se importam mais com o riso dos amigos do que com o testemunho de metade da Bíblia. O homem espiritual está livre de tudo isso. Ele não é mais um peixe morto boiando no córrego da opinião mundana; está sempre progredindo, olhando para Jesus, apesar de toda a oposição. Ele venceu o mundo.

6. A sexta marca do novo nascimento é humildade. Era isso que Davi pretendia dizer em Salmos 131: “Como a criança desmamada

se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma” (Sl 131.2). Era isso que nosso Senhor tinha em mente quando disse que é necessário que sejamos convertidos e que nos tornemos como crianças (Mt 18.3). O orgulho é o pecado que incomoda persistentemente todo homem natural e aparece em centenas de modos diferentes.

Foi por causa do orgulho que anjos caíram e tornaram-se demônios. É o orgulho que leva muitos pecadores ao abismo; eles sabem que estão errados no que se refere ao cristianismo, mas são muito orgulhosos para curvarem a cerviz e agirem de acordo com o que sabem. É o orgulho que sempre pode ser visto nos falsos mestres; eles dizem: “Somos os tais, só nós sabemos o que é certo e temos o verdadeiro caminho para o céu”. Logo eles caem, voltam ao lugar de onde vieram e não se ouve mais a respeito deles. Mas aquele que é nascido de novo veste-se de humildade; tem um espírito de criança, contrito e humilde. Tem um profundo senso de sua fraqueza e pecaminosidade e um grande medo de cair em pecado. Você jamais o ouve professando confiança em si mesmo e vangloriando-se de seus próprios feitos. Ele está muito mais disposto a duvidar de sua própria salvação e chamar a si mesmo de “principal dos pecadores”. Ele não tem tempo para achar falhas nos outros ou se intrometer na vida dos vizinhos. Para ele basta o conflito com sua própria carne enganosa... Nenhum inimigo é tão mordaz para ele quanto sua corrupção inata. Sempre que vejo um homem que gasta seu tempo achando defeitos em outras igrejas e falando

da alma das outras pessoas e não da sua, sempre penso: “Não há obra do Espírito nesse homem”. É esta humildade e este senso de fraqueza que fazem dos filhos de Deus homens de oração. Eles sentem suas próprias necessidades e sua situação de perigo, e são compelidos a suplicar continuamente Àquele que lhes deu o Espírito de adoção, clamando: “Aba, Pai, ajuda-nos e livra-nos do mal”.

7. A sétima marca do novo nascimento é um grande prazer em todos os meios da graça. Pedro fala sobre isso em sua primeira epístola: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento” (1 Pe 2.2). Este foi o pensamento de Davi quando disse: “Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus, a permanecer nas tendas da perversidade” (Sl 84.10). Ah! que diferença existe entre a natureza e a graça neste assunto! O homem natural tem muitas vezes uma forma de cristianismo; não negligencia as ordenanças do cristianismo, mas de um modo ou de outro, o tempo, a sua saúde ou a distância conseguem ser um grande obstáculo para ele. E, com muita frequência, as horas que ele passa na igreja ou com sua Bíblia são as mais enfadonhas de sua vida.

Mas quando um homem nasce de novo, começa a descobrir sobre os meios da graça uma realidade que ele não percebia antes. O domingo não parece mais um dia monótono e enfadonho, no qual ele não sabe como gastar seu tempo de manei-

ra decente. Agora, ele o chama de deleite e privilégio, um dia santo do Senhor e digno de honra. As dificuldades que antes o afastavam da casa de Deus agora parecem ter desaparecido; o horário do jantar, o tempo e coisas semelhantes nunca o detêm em casa; ele não se alegra mais em desculpas para não ir. Os sermões parecem mil vezes mais interessantes do que antes. Ele estará bem atento e não dormirá durante a pregação, tal como um prisioneiro durante seu julgamento. E, acima de tudo, a Bíblia lhe parece um novo livro. Acabou o tempo em que ela era uma leitura estéril para sua mente. Talvez ficasse num canto, empoeirada e raramente fosse lida, mas agora é examinada e considerada como o próprio pão da vida. Muitos são os textos e passagens que parecem ter sido escritos para o nascido de novo, e muitos são os dias em que ele sente disposição de dizer, com Davi: “Para mim vale mais a lei que procede de tua boca do que milhares de ouro ou de prata” (Sl 119.72).

8. A oitava e última marca do novo nascimento é amor pelos outros. “Todo aquele”, disse João, “que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor” (1 Jo 4.7-8). Aquele que nasceu do Espírito ama o seu próximo como a si mesmo... ama o que pertence ao seu próximo como se fosse dele mesmo; não o prejudicaria nem ficaria quieto se alguém lhe causasse danos. Ama a pessoa de seu próximo como a sua própria pessoa e não acharia incômodo o poder ajudá-lo ou o socorrê-

lo. Ama o caráter de seu próximo como o seu próprio caráter; não falará contra ele, nem permitirá que seja maculado por mentiras, se puder defendê-lo. O nascido de novo ama a alma de seu próximo como a sua própria alma e não suportará vê-lo virar as costas para Deus, sem empenhar-se por detê-lo, dizendo: “Não... não façais semelhante mal” (Jz 19.23). Oh! que lugar feliz seria a terra, se houvesse mais amor! Que os homens creiam que o evangelho assegura o maior conforto na vida presente, bem como na vida por vir!

Estas, amados, são as marcas pelas quais pode-se reconhecer o novo nascimento na alma de um homem. Tivemos de falar sobre elas de um modo muito breve, embora cada uma delas mereça um sermão... “Eu me arrependi verdadeiramente? Já me uni a Cristo e O aceitei como meu único Salvador e Senhor?” Que estas perguntas predominem em sua mente, se você quer saber se nasceu de novo ou não. As seis últimas marcas — isto é: santidade, mente espiritual, vitória sobre o mundo, humildade, prazer em todos os meios da graça e amor — têm esta peculiaridade: a família e os vizinhos de um homem vêem melhor do que ele mesmo se ele possui essas marcas. Mas todas elas provêm das duas primeiras; portanto, insisto novamente que você lhes dedique maior atenção. ■

J. C. Ryle (1816–1900): bispo anglicano, autor de *Santidade Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor e Meditações nos Evangelhos* (editados pela Editora Fiel), e muitos outros. Nasceu em Macclesfield, Cheshire County, Inglaterra.-

O Novo Nascimento e a Obrigação do Pregador

John Owen (1616–1683)

A obra do Espírito de Deus na regeneração da alma dos homens deve ser analisada diligentemente pelos pregadores do evangelho e por todos a quem a Palavra é outorgada.

Quanto aos pregadores, eles têm uma razão peculiar para atentarem a este dever, pois são usados e empregados nesta obra pelo Espírito de Deus, que os utiliza como instrumentos para a realização deste novo nascimento e vida. O apóstolo Paulo se intitulou pai daqueles que foram convertidos a Deus ou regenerados por meio da Palavra de seu ministério: “Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus” (1 Co 4.15). Ele foi usado no ministério da Palavra para a regeneração daqueles crentes e, portanto, era seu pai espiritual; e somente ele o era, embora mais tarde

o trabalho tenha sido levado adiante por outros.

E, se homens são, no evangelho, pais de convertidos a Deus por meio do ministério pessoal deles, não há qualquer vantagem para alguém ter assumido, um dia, esse título se não teve qualquer envolvimento nessa obra, nem no seu sucesso. Assim, falando sobre Onésimo, que foi convertido por ele na prisão, Paulo o chama de seu filho, a quem havia gerado entre algemas (Fm 10). E declarou que isso lhe havia sido prescrito como o principal objetivo de seu ministério, que incluía a comissão de pregar o evangelho (At 26.17-18). Cristo disse-lhe: “Eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus”; essas palavras descrevem a obra que estamos considerando. Essa também é a principal finalidade de nosso ministério.

Certamente, é dever dos ministros compreender, tanto quanto puderem, a obra com a qual estão ocupados, para que não trabalhem no escuro nem combatam de forma incerta, como homens que desferem golpes no ar. O que as Escrituras revelam sobre esta obra, a sua natureza e a maneira como se realiza, suas causas, efeitos, frutos, evidências — tudo isso eles devem analisar diligentemente. Ser espiritualmente habilitado nisso é a principal arma de qualquer um para a obra do ministério. Sem esta habilidade, ele nunca estará apto a manejar bem a Palavra nem a apresentar-se como obreiro que não tem de que se envergonhar. Contudo, é raro imaginarmos com que fúria e perversidade de espírito, com que expressões de zombaria toda esta obra é mal interpretada e exposta ao desprezo.

Dizem a respeito daqueles que exercem esta função que eles “prescrevem longas e entediadas conferências de conversão, para declararem precisos e sutis processos de regeneração, visando encher a cabeça das pessoas com inúmeros medos e escrúpulos supersticiosos sobre os devidos graus da contrição piedosa, e os sintomas de uma humilhação completa”.¹ Se algum erro quanto a essas coisas ou a prescrição de regras sobre a conversão a Deus e a regeneração pudesse ser atribuído a certas pessoas específicas que não são asseguradas pela Palavra da verdade; se tudo isso pudesse ser cobrado de pessoas em particular, não seria errado refletir sobre essas regras e refutá-las. Entretanto, a intenção dessas expressões é evidente,

e a reprovação contida nelas é lançada na própria obra de Deus. E devo confessar que acredito na degeneração que se aparta da verdade e do poder do cristianismo, na ignorância das principais doutrinas do evangelho e no desprezo lançado, por meio destas e de expressões semelhantes, sobre a graça de nosso Senhor Jesus Cristo por aqueles que não somente se declaram ministros, e também declaram possuir um nível mais elevado que o dos outros, e que serão tristemente agourentos quanto a toda a situação da igreja reformada entre nós, se não forem reprimidos e corrigidos em tempo. Mas, no presente, o que afirmo sobre este assunto é:

1. O dever indispensável de todos os ministros do evangelho é inteirar-se totalmente com a natureza de seu trabalho, para que possam aquiescer à vontade de Deus e à graça do Espírito em sua realização na alma daqueles a quem ministram a Palavra. Também não podem cumprir seu trabalho e obrigação, de maneira correta, sem conhecimento apropriado dele. Se todos que os escutam nasceram mortos em delitos e pecados, se Deus os destinou para serem instrumentos de regeneração dessas pessoas, é uma loucura, da qual será necessário prestar contas um dia, negligenciar uma constante análise da natureza desta obra e dos meios pelos quais ela é realizada. A ignorância e a negligência quanto a esta necessidade, aliadas à carência de uma experiência do poder desta obra na alma deles é uma grande causa da falta de vida e do ministério não aproveitável entre nós.

2. Por semelhante modo, todos a

quem a Palavra é pregada têm o dever de investigá-la. É para estes que o apóstolo fala: “Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados” (2 Co 13.5). A preocupação de todo cristão ou do que professa a religião cristã é provar e examinar em si mesmo a obra que o Espírito de Deus efetuou em seu coração. Ninguém o impedirá de fazer isso, exceto aqueles que desejam enganá-los e levá-los à perdição.

(1) *A doutrina da obra de pregação nos foi revelada e ensinada:* “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29.29). Não falamos em investigar ou informar-nos, com curiosidade, sobre as coisas ocultas, ou secretas, ou as ações encobertas do Espírito Santo. Falamos apenas sobre um esforço correto para pesquisar e compreender o ensino concernente a esta obra, tendo em vista esta finalidade: que possamos entendê-la.

(2) *É muito importante para todos os nossos deveres e confor-*

tos que tenhamos um entendimento apropriado da natureza da obra de pregação e de nosso próprio interesse nela. A análise de ambas essas coisas não pode ser negligenciada sem a maior insensatez; a isso podemos acrescentar:

(3) *O perigo de que os homens sejam enganados quanto ao assunto da regeneração, ou seja, a base sobre a qual se firmam e dependem o seu estado e condição eternos.* É certo que, no mundo, muitos se enganam neste assunto; evidentemente, vivem num destes erros perniciosos: a) que os homens vão para o céu ou que podem “entrar no reino de Deus” sem nascer de novo, o que é contrário ao que nosso Salvador disse (Jo 3.5). b) Outro erro é o pensamento de que os homens podem nascer de novo e continuarem vivendo no pecado, mas isso contradiz 1 João 3.9. .

John Owen (1616–1683). Teólogo e pastor congregacional. Seus trabalhos escritos, que totalizam vinte e quatro volumes, estão entre os melhores recursos para estudos teológicos na língua inglesa. Nasceu em Oxfordshire, na vila de Stadham, Inglaterra.

Notas:

1. PARKER, Samuel. *Defense and continuation of the ecclesiastical politie.* A. Clark for J. Martyn, 1671. p. 306-307.

Nossa salvação é tão bem projetada, tão bem harmonizada, que Deus pode ter misericórdia dos pobres pecadores e estar em paz com eles, sem nenhum prejuízo em sua verdade e justiça.

Mathew Henry